

Saber noturno



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

TONY HARA

*Saber noturno*

Uma antologia de vidas errantes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

H212s Hara, Tony.  
Saber noturno: uma antologia de vidas errantes / Tony Hara. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

1. Historiografia. 2. Literatura e história. 3. Filosofia na literatura. 4. Modernidade. I. Título.

CDD - 907.2  
- 809  
- 801  
- 303.4

ISBN 978-85-268-1374-8

---

Copyright © by Tony Hara  
Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à  
Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

## AGRADECIMENTOS

Em fevereiro de 2004, numa tarde muito quente em Campinas, defendi a tese de doutorado em História da Cultura do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. O trabalho foi orientado pela professora Margareth Rago, a quem agradeço pela confiança e por ter me ensinado – não por meio de palavras ou textos, mas pela convivência – que não é possível dissociar o exercício do pensamento do exercício da liberdade.

Mais de uma década depois, volto a essa pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Fiz ligeiras modificações no texto original, tomando o cuidado de não desfigurar o essencial: o encantamento da descoberta. Este livro registra meu espanto e minha admiração por pensadores que lapidaram saberes e artes a partir de suas próprias vidas, enredadas em aventuras éticas. Sujeitos que converteram a vida em um meio de conhecimento, transfigurando seus experimentos em um tipo de saber, nomeado neste trabalho, *Saber noturno*.

No início dessa jornada noturna em busca de novas auroras, tive a companhia de amigos generosos. Volnei Edson dos Santos, Antonio Paulo Benatti e Marilda Ionta, em especial, participaram dessa minha pesquisa-vigília. Madrugadas adentro escrevendo cartas e mais cartas, ora mandando notícias sobre os achados, ora sobre os descaminhos da pesquisa... Obrigado, amigos.

Ao professor Oswaldo Giacoia Jr., pela leitura deste trabalho. É tão desmedida a minha admiração pela serena sabedoria, que o mais sensato aqui é guardar silêncio.

Aos amigos Eliana Louvison e Nelson Tomazi, pela maestria com que cultivam o jardim onde floresce a nossa amizade. Planta rústica que resiste às pragas e ao tempo.

E, por fim, um agradecimento paternal. É estranho, mas em alguns momentos a escrita chama a vida. Na semana em que senti que encerrava a jornada noturna, a novidade: a gravidez, a chegada de uma vida nova. Eu evoquei auroras – naquele sentido nietzschiano de novas formas de existência –, e a nova manhã despontou em meu horizonte na forma de uma rara alegria, Marina. Obrigado, e cuide-se, pequena aurora radiante.

E, Patricia, este trabalho é dedicado a você.

Ao amor que se renova a cada manhã que nasce.

Londrina, Primavera de 2015

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
O SABER NOTURNO E A ATUALIDADE.....	9
A CONSTELAÇÃO NOTURNA.....	14
CAPÍTULO 1 – ARTE VIDA CONHECIMENTO.....	23
FUGA DO MUNDO VERDADEIRO.....	30
ETERNO & TRANSITÓRIO .....	37
CAPÍTULO 2 – INSTANTE DE PERIGO .....	47
SABOR DA EXPERIÊNCIA.....	66
CAPÍTULO 3 – TEMPO DA CRIAÇÃO.....	87
TEMPO E EMBRIAGUEZ .....	90
O DÂNDI E A INVENÇÃO DE SI .....	99
CAPÍTULO 4 – SUJEITOS SOBERANOS.....	107
TORNAR-SE O QUE SE É .....	115
CAPÍTULO 5 – UM HOMEM COM UMA DOR.....	129
O ASSINALADO .....	142
CAPÍTULO 6 – O CIO DO CACHORRO LOUCO.....	153
CANTOR DA TRIBO.....	170
CAPÍTULO 7 – CRONISTA DA CIDADE .....	187
A MUSA E A BOÊMIA.....	211

CONCLUSÃO .....	231
AURORA .....	231
BIBLIOGRAFIA.....	251

# INTRODUÇÃO

## O SABER NOTURNO E A ATUALIDADE

O *saber noturno* é característico de um corpo que sofre porque quer se expandir, tal como o corpo da parturiente. Trata-se de um conhecimento que tem a tarefa de parir uma nova vida, livre, intensa, repleta de possibilidades e de venturas. A criação dessas novas possibilidades de existência, desembaraçada dos limites e dos constrangimentos da atualidade, é a grande missão dos poetas, dos pensadores-artistas que desejam livrar o devir das amarras da continuidade, do passado, dos ideais metafísicos e das superstições teleológicas que contaminam e ensombrecem o futuro.

O saber noturno é o corpo da parturiente, as sábias e firmes mãos da parteira, mas é também a criança que cria seu mundo e seus valores, usufruindo do tempo de acordo com os desejos. O “momento da criança” ilustra o tempo da criação, a capacidade lúdica e artística do homem livre do fardo da história. Plenamente ligado ao presente, esse sujeito está alheio ao dever e à culpa, sem dívidas com o passado e sem temores em relação ao que virá.

Com intensidade e curiosidade similares à da criança, os pensadores-artistas brincam inocentemente no lado escuro e terrível da vida. Pois se trata de um corpo que quer se expandir, isto é, que não se limita ao já conhecido, ao já pensado e criado à luz do dia, que tudo revela e desencanta. Como afirma Nietzsche, todo crescer e de-

vir são cultivados numa noite profunda. Os pensadores-artistas sabem que todo ser vivo precisa não só da luz para ver, como também da escuridão para sonhar.

Ao contrário dos povos das Antilhas – que se contentavam, nos passeios noturnos, com a luz irradiada pelos vagalumes grudados no dedão do pé –, o homem prometeico, o homem da laboriosa civilização ocidental ansiava esconjurar as ações das trevas com poderosos fachos de luz. Em vez da oscilante iluminação gerada pelo vagalume, os homens prometeicos preferiam o fogo esclarecedor, aquele que alumia os objetos perdidos na penumbra, acabando com o mistério e com o medo que o objeto não visível provocava. A visão foi o sentido eleito por esses homens iniciados no mundo do conhecimento e das ciências.

Na altura dos séculos VI e V a.C., a faculdade da visão e o atributo do conhecimento tinham-se juntado na palavra grega *theorein*, significando tanto “ver” quanto “saber”. A partir daí, o conhecimento era um registro da visão. A ignorância, conseqüentemente, torna-se uma falta de conhecimento decorrente de os objetos não serem visíveis, e, assim, treva identifica-se com ignorância. Por sua vez, a escuridão se torna uma fonte de medo, como se o conhecimento dos objetos visíveis fosse a única defesa contra o terror e a angústia.<sup>1</sup>

Mais do que combater as trevas o artista/criança brinca com a escuridão. A luz oscilante do vagalume e seu voo cego lhe bastam para transformar o terror e a angústia do não conhecido em fantásticas aventuras de uma noite de verão em que as estrelas se cansaram do céu e vieram dançar entre os homens. O pensador-artista não deseja tornar tudo visível, transparente e iluminado, como quer o homem da visão diurna, o sujeito da teoria. Para o artista, o saber

---

<sup>1</sup> Hamilton-Paterson, *apud* Alvares, 1996, p. 20.

não significa conhecer o que está por trás do véu da escuridão, mas, sobretudo, afirmar as trevas e seus véus, pois a escuridão é o território do difuso, dos contornos imprecisos, dos sentidos inquietos, dos instintos à flor da pele que intensificam a imaginação e a capacidade de invenção e de destruição. Para além de uma poderosa visão diurna – que aniquilaria o medo do desconhecido, do noturno da vida –, o artista visa transfigurar essas imagens e sensações em novas ilusões, como nos sonhos em que nossas angústias e temores se transformam em imagens oníricas que iluminam as nossas vidas apesar da escuridão que nos cerca.

A sabedoria grega nos informa que foi o Caos quem gerou a Noite. E com a Noite vieram as forças do mal. Morte, matança, carnificina. Fome, luta e velhice. Zeus mandou Poseidon construir uma tripla muralha de bronze para que Noite e as forças do mal não alcançassem as alturas divinas. Pior para os homens: “todas as forças más que Zeus expulsou do mundo do Olimpo formarão o tecido cotidiano da existência humana”.<sup>2</sup> Seja por sabedoria imitadora ou por estupidez desesperada, os homens tentaram construir também as suas muralhas e domesticar as forças do mal. Ergueram-se, assim, os muros do Estado, da pátria, da família, das escolas, dos conventos, dos hospitais psiquiátricos, das fábricas, da identidade... Os homens construíram todas essas máquinas para barrar as forças malditas que fazem parte do cotidiano de nossa existência. É evidente que todo esse trabalho de esquadramento social não teve o resultado esperado, mas a consequência desses esforços de domesticação do mal, da Noite, ainda podemos sentir no tempo atual, neste exato instante.

Do ponto de vista de um corpo que quer se expandir, os muros de bronze construídos pelos homens só provocaram um enfraqueci-

---

<sup>2</sup> Vernant, 2000, p. 52.

mento da existência. A fim de conter o mal, mortificou-se a própria vida. Nietzsche, por exemplo, comenta o processo de domesticação empreendido pela máquina religiosa na baixa Idade Média, período em que a Igreja, na Alemanha, buscava amestrar os belos exemplares de seu rebanho:

Mas com o que se parecia em seguida um tal alemão “melhorado”, seduzido para o interior do claustro? Com uma caricatura do homem, com um aborto. Ele tinha se tornado um “pecador”, ele estava em uma jaula, tinham-no encarcerado entre puros conceitos apavorantes... Aí jazia ele, doente, miserável, malévolo para consigo mesmo; cheio de ódio contra os impulsos à vida, cheio de suspeita contra tudo que ainda era forte e venturoso.<sup>3</sup>

O filósofo alemão chama ironicamente de “melhoradores da humanidade” os sacerdotes, moralistas, filósofos, cientistas, enfim, os homens da visão diurna que em nome de um suposto avanço do espírito humano enfraqueceram o homem, domesticaram-no, e, mais ainda, criaram um determinado gênero de homem, no caso um homem sob o signo da doença e da degeneração. Esse processo de melhoramento que procura extirpar da vida humana e do coração do homem a sua parte apaixonada, ébria pela vida, continua intenso nesse tempo em que vivemos. Como diz o filósofo Gilles Deleuze, testemunhamos um período em que estamos “envergonhados de ser homem”.

No capitalismo só uma coisa é universal, o mercado. Não existe Estado universal, justamente porque existe um mercado universal cujas sedes são os Estados, as Bolsas. Ora, ele não é universalizante, homogeneizante, é uma fantástica fabricação de riqueza e de miséria. [...] Não há Estado democrático

---

<sup>3</sup> Nietzsche, 2000, p. 52.

que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana. A vergonha é não termos nenhum meio seguro de preservar, e principalmente para alçar os devires, inclusive em nós mesmos.<sup>4</sup>

A ordem capitalista contemporânea é, no entendimento do filósofo francês e de seu parceiro, o psicanalista Félix Guattari, uma produtora de modelos de relações humanas, até em seus refúgios mais inconscientes. Essa ordem fabrica formas de amar, de ensinar, de comer, de sonhar; impõe modos específicos de o homem se relacionar com a natureza, com o corpo, com a história social ou pessoal. Em suma – diz Guattari –, “ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é a ordem do mundo, ordem que não pode ser trocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada”.<sup>5</sup>

Se o pensamento atual quiser agir no sentido de provocar um estranhamento nessa grande máquina de produção de subjetividade, talvez seja necessário experimentar dobrar o pensamento ao instante, ao momento que passa. O filósofo Jorge Larrosa, inspirado no trabalho de Michel Foucault, define a *história do presente* como uma produção de saber que não submete o devir a uma totalidade, a um sentido teleológico, como se o mundo já estivesse determinado e atingisse a cada instante seu objetivo programado:

A história do presente não é uma forma de racionalidade retrospectiva porque não coloca o passado a serviço dos interesses do presente (daquilo que somos e já estamos deixando de ser), porque não busca que nos reconheçamos no passado, que nos encontremos nele, que identifiquemos nele a origem da nossa identidade satisfeita. Não se trata de reconhecer nossa

---

<sup>4</sup> Deleuze, 1992, p. 213.

<sup>5</sup> Guattari & Rolnik, 1993, p. 42.

identidade, mas de dissociá-la, de dividi-la, de dissipá-la, de pluralizá-la, de nela produzir diferenças e descontinuidades.<sup>6</sup>

Para o historiador não correr o risco de se transformar num – como diz Nietzsche – coveiro do presente, é necessário que ele retire da história “as suas melhores horas” e a força que nela atua, “que é uma força de luta, de dissidência, de divisão, e [de um] sentimento cada vez mais exaltado da vida”.<sup>7</sup> Segundo Nietzsche, a história deve servir para combater a própria cultura histórica que contamina a imaginação e as ações dos melhores homens de uma época. Na segunda das *Considerações intempestivas* (“Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida”), Nietzsche alerta a juventude alemã sobre os perigos do abuso da história, o que provocaria não só uma paralisia das ações que intensificam a vida, como também uma “degenerescência e o enfezamento da vida”. Para evitar essa ameaçadora letargia, segundo o filósofo, é necessário “lançar uma ação intempestiva contra esta época, sobre esta época e, assim o espero, em benefício do tempo que há de vir”.<sup>8</sup>

## A CONSTELAÇÃO NOTURNA

É possível pensar numa escrita da história que ataque a nossa própria época e colabore para liberar o tempo presente dos sentidos vergonhosos que o dominam. Talvez não por acaso, por volta de 1880, Nietzsche toca no mesmo problema levantado por Deleuze na contemporaneidade. Numa série de perguntas e respostas ligeiras (aforismos 268-275 de *A gaia ciência*), Nietzsche interroga: “A quem

---

<sup>6</sup> Larrosa. *In*: Castelo Branco & Portocarrero (orgs.), 2000, p. 330.

<sup>7</sup> Nietzsche, 1976, p. 203.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 103.

você chama de ruim? – Àquele que quer sempre envergonhar”. “Qual é a coisa mais humana para você? – Poupar alguém da vergonha”, “Qual o emblema da liberdade alcançada? – Não mais envergonhar-se de si mesmo”.<sup>9</sup> A rede de aviltamento, onde o homem se debate de forma constrangedora, já estava sendo tramada na época em que Nietzsche construía sua máquina de pensamento. É por isso que seu diagnóstico da cultura ocidental é tão sombrio e duro: estamos “cansados do homem, nós sofremos do homem”. Segundo o psicólogo Alexandre Henz, o filósofo quer dizer com esse diagnóstico que “o homem se tornou este verme manso incuravelmente medíocre e insosso. [...] O pior é que essa mesmice, este apequenamento do homem, este *apaziguamento de Dioniso*, este nivelamento do homem tornou-se a meta de nossa civilização e não um acidente de percurso”.<sup>10</sup>

Por isso, talvez, seja necessário e salutar convocar os pensadores vitalistas, os errantes, os extemporâneos, os nômades do pensamento, aqueles que travaram um belo combate contra as Luzes, contra as verdades e os ideais universais e suas estratégias excludentes e disciplinadoras, que rebaixam e diminuem drasticamente o potencial criativo do homem. Como disse Nietzsche, é necessário retirar as *melhores horas* da história; as forças, ações e obras de sujeitos que não se resignaram, ao contrário, combateram o tempo em que viveram e afirmaram apaixonadamente seus modos de vida, seus modos de amar, de construir e destruir.

Como destaca o filósofo Michel Onfray, “A História é generosa em figuras rebeldes e singulares, em exceções possantes e roborativas. À maneira impressionista, ela registra, aqui e ali, as pontas à margem de sua época que, por suas situações limites, dão tempe-

---

<sup>9</sup> Nietzsche, 2001, p. 186.

<sup>10</sup> Henz, 1998, p. 90.

ramento ao seu tempo”.<sup>11</sup> No horizonte desse trabalho está o reconhecimento de uma pequena constelação formada por essas fulgências luminosas que estão cravadas no céu da história. Parte-se daquele princípio formulado por Walter Benjamin de que a historiografia é um trabalho de construção, e, por isso mesmo, pressupõe todo um esforço de destruição das verdades herdadas e desmontagem das cadeias históricas articuladas por um tipo de saber conformista e limitado ao conhecimento do passado “como ele de fato foi”. Trata-se, nos termos benjaminianos, de explodir o *continuum* da história, de formar uma “constelação, onde o passado se junta, como num relâmpago, com o agora”.<sup>12</sup>

A reunião das figuras rebeldes e singulares numa constelação noturna tem como objetivo a construção, a escrita de uma história que intensifique a vida e o tempo de agora. Esse instante que parece estar contaminado pelo niilismo e pela indiferença, que é, como nos ensina Machado de Assis, o sono sem sonhos. E para intensificar a vida e o tempo, talvez seja mais oportuno insistir nas ilusões da arte do que nos sistemas da verdade que buscam, sempre, a legitimação daquilo que já é conhecido. Ainda é possível experimentar a possibilidade – explorada por Walter Benjamin, assim como por Nietzsche – de aproximar a ciência da poesia, ou neste caso, a arte da história. Plasticidade, beleza, aproximações inesperadas, todos esses artifícios usados pelos artistas devem fazer parte do repertório do historiador. Trata-se de uma vontade de experimentar que nos impele a escrever uma história em que a arte, as ilusões estéticas, as imagens oníricas sejam potencializadas e não desprezadas ou desdenhadas como fazem o saber erudito e sua visão diurna da vida. Como diz Walter Benjamin, de forma lapidar, é preciso “atravessar o

---

<sup>11</sup> Onfray, 1995, p. 52.

<sup>12</sup> Benjamin, *apud* Bolle, 1994, p. 94.

passado com a intensidade de um sonho, a fim de experimentar o presente como o mundo da vigília, ao qual o sonho se refere”<sup>13</sup>

No extremo, esses personagens noturnos, aqui convocados, escreveram sonhando. Metamorfosearam-se – como nos sonhos em que nos transformamos em estranhos a nós mesmos, em que somos incapazes de nos reconhecer. Esse processo de estranhamento é uma forma poderosa de conhecimento sobre si mesmo e de seu tempo. Com os olhos cerrados, esses personagens, em estado de vigília, sonharam e escreveram sobre seus mundos noturnos. Os sonhos nascem da vida e a ela retornam, modificando-a. Os que sonham acordados recolhem, das profundezas superficiais do sonho, as imagens com as quais desafiam e transgridem os limites da própria identidade e do tempo em que vivem. Essa forma radical de viver e de pensar sugere – para aqueles que contemplam essa constelação noturna – novas formas de existência, diferentes daquela que quer fabricar homens tristes, obedientes e envergonhados de si mesmos.

Convidamos para esse passeio noturno, sem destino certo, o filósofo Friedrich Nietzsche (15/10/1844 – 25/8/1900), o poeta Charles Baudelaire (9/4/1821 – 31/8/1867) e seu amigo distante, o filósofo Walter Benjamin (15/7/1892 – 27/9/1940); os poetas Cruz e Sousa (24/11/1862 – 19/3/1898) e Paulo Leminski (24/8/1944 – 7/7/1989) e, por último, o cronista João do Rio (5/8/1881 – 23/6/1921). Uma pequena e caótica constelação que surge no horizonte da Modernidade zombando e lutando contra as potências que idealizam para o mundo da vida um cosmos organizado e rigidamente controlado. Eles estão próximos daquela ideia capturada pelo escritor irlandês James Joyce no neologismo “caosmos”. A proximidade entre o caos e o cosmos, a surpreendente correspondência entre a fúria e a serenidade. Afirmam a noite, a escuridão, as trevas, o lado sombrio da

---

<sup>13</sup> *Idem*, p. 63.

vida, pois reconhecem que as luzes e as trevas – assim como a criação e a destruição, o mundo e o submundo – são forças opostas que devem ser mantidas em permanente estado de tensão.

Apesar das diferenças de estilo, de época, de ofício, de nacionalidade, todos são comprometidos com a vida, em toda a sua plenitude, e por isso cantam seu lado noturno. Além disso, eles se ajudaram mutuamente, entrelaçaram-se, trocaram experiências nesse mundo caótico do pensamento noturno. Charles Baudelaire, como se sabe, foi a companhia eleita por Benjamin para atravessar os sonhos engendrados na capital do século XIX; o poeta parisiense também não era um completo estranho a Nietzsche. Ambos participaram do círculo de amizades do compositor Richard Wagner, e certamente o filósofo alemão chegou a ler os poemas de Baudelaire, pois há entre os comentários literários do filósofo referências ao poeta que ele nomeia decadentista. Benjamin era também leitor de Nietzsche, que o influenciou na escrita de sua tese de livre-docência, intitulada *Origem do drama barroco alemão*. João do Rio acolheu, explorou e transfigurou algumas ideias de Nietzsche e de Baudelaire, que também era lido por Cruz e Sousa, poeta biografado por Paulo Leminski, que reconheceu a alma *blues* do bardo negro da Ilha do Desterro. O cronista João do Rio e o poeta Cruz e Sousa foram contemporâneos. Um era leitor do outro, apesar do temperamento e de gostos opostos. Poder-se-ia continuar essa rede de correspondências dizendo que Paulo Leminski, durante alguns meses, não largou os *Paraisos artificiais* de Baudelaire e que leu atentamente Walter Benjamin. Mas o importante, por ora, é destacar dessa intensa troca de experiências, o que eles buscavam um no outro. O que se procura é um estímulo para dar conta da dor de viver contra sua época; uma palavra, um exemplo para continuar buscando os limites e, talvez, as superações e os pontos de ultrapassagem. Em última instância, são singularidades trágicas que arderam e sofreram por excesso e superabundância de vida. Esses personagens noturnos não renunciaram à oportunidade

de retomar uma linha de força inebriante condenada pela civilização, de fazer experiências radicais em seus corpos e em seus próprios pensamentos. Pois, como afirma Nietzsche de forma impecável: onde há vida, há vontade de superar a si mesmo.

Os personagens noturnos nos incitam a sair dos castelos, a soltar as amarras, a queimar as pontes. Talvez eles nos ensinem a observar a sociedade em que vivemos do ponto de vista de quem escapa, foge, transgredir a ordem racionalizante, disciplinadora, característica da modernidade. Se considerarmos lúcida a tese nietzschiana de que a história deve resolver os problemas da própria história, então é necessário estarmos alertas para os movimentos e para os gestos atrevidos de figuras singulares que a própria história fabricou. E, mais do que isso, é preciso transformá-los em *personagens conceituais*, como sugere Michel Onfray:

O importante é extrair [da profusão de uma biografia] as linhas de força com as quais [é possível] construir uma arquitetura singular. Longe do detalhe, dos passos hesitantes ou dos recuos, o que constitui uma individualidade com um destino que se encarna encontra-se, antes de tudo, nos seus efeitos, mais particularmente na consequência desses efeitos.<sup>14</sup>

Para o filósofo francês, o difuso de uma existência deve passar pelo filtro da subjetividade que teoriza, observa e dá forma. Não se trata de um convite ao irracionalismo, ou de pregar certa improbidade intelectual na escrita da história. Mas, o que se deseja é, ao menos, uma suspensão temporária da razão normatizadora para suscitar uma visão mais inebriada e encantadora da vida, da ótica dos que se rebelaram e, paradoxalmente, afirmaram radicalmente a própria história, o devir sempre aberto e inacabado. São personagens que

---

<sup>14</sup> Onfray, 1995, p. 23.

estimulam um pensamento bêbado, tal como o famoso barco de Rimbaud, em seu passeio sem destino. Solicitam as vertigens e repudiam o terreno seguro das verdades instituídas e celebradas pela tradição religiosa ou por uma racionalidade mórbida guiada pela flecha do progresso.

É possível dizer que tais personagens noturnos foram beber lá onde a razão instrumental não poderia ir, por causa de sua objetividade, de sua neutralidade, de todo seu ascetismo. Esses pensadores-artistas, ao contrário dos “melhoradores da humanidade”, não anunciaram um futuro luminoso para a humanidade, muito menos um paraíso celeste que aguardaria a chegada da humanidade sofrida. Anunciaram à beira do abismo, talvez, tocados pelos dedos trêmulos da vertigem e do delírio, que este mundo em que vivemos é o único que temos – e, portanto, é o melhor dos mundos, apesar da dor, da desgraça, da escuridão mais profunda; apesar de tudo. E é neste mundo, encantador e terrível ao mesmo tempo, que devemos criar, inventar novas formas de viver, de amar e de se apaixonar pela vida.

Além desse sentido da terra, do desejo de estabelecer uma aliança profunda com a terra, os pensadores-artistas buscaram de forma heroica, para usar um termo baudelairiano, assumir diferentes formas, criar novas direções, construindo-se e destruindo-se contínua e arrebatadamente. Esse é o ponto de ataque dessas singularidades que percorrem o lado noturno da vida rebelando-se contra a violenta história de adestramento e domesticação que nos legou aquilo que conhecemos como “homem”, produto dessa história. Ao contrário do ser humano submisso aos códigos dominantes que tentou adequar seu *eu verdadeiro*, *profundo* ou *interior* às normas, aos comportamentos tidos como civilizados, às disciplinas sociais, eles negaram a viagem para dentro de si. Preferiram o lado de fora, e transformaram-se em mestres e escultores de si mesmos, como nomeia a filosofia nietzschiana; são homens que tomaram para si a tarefa de construir suas próprias existências.